

ESCOLA DE EQUITAÇÃO PARA MOÇAS



ANTON DISCLAFANI

# Escola de equitação para moças

Tradução de Maria Carmelita Dias



Copyright © Anton DiSclafani, 2013  
Todos os direitos reservados a DiSclafani, Anton

TÍTULO ORIGINAL  
The Yonahlossee Riding Camp for Girls

PREPARAÇÃO  
Clarissa Peixoto

REVISÃO  
Ulisses Teixeira

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO. SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

D639e

DiSclafani, Anton  
Escola de equitação para moças / Anton DiSclafani ; tradução Maria Carmelita Dias. - 1.  
ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.  
336 p. ; 23 cm.

Tradução de: The Yonahlossee riding camp for girls  
ISBN 978-85-8057-527-9

1. Romance infantojuvenil americano. 2. Ficção. I. Dias, Maria Carmelita. II. Título.

14-10847

CDD: 028.5

CDU: 087.5

---

[2014]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Mat*



Eu tinha quinze anos quando meus pais me mandaram para a Escola de Equitação Yonahlossee. O internato ficava em Blowing Rock, na Carolina do Norte, oculto no meio das montanhas Blue Ridge. Havia o risco de passar pela entrada e não chegar a notá-lo, a não ser que se estivesse procurando por ele, e com cuidado; meu pai perdeu a entrada quatro vezes antes que, afinal, eu indicasse que tínhamos chegado.

Ele me levou de carro, da Flórida até a Carolina do Norte: meus pais não confiavam em mim o suficiente para me deixarem viajar sozinha de trem.

No último dia do percurso, fomos até a parte mais alta das montanhas, e em determinado momento nossa travessia foi ficando consideravelmente mais lenta. A estrada parecia inacabada, estreita e coberta de vegetação; ela era sinuosa e repleta de curvas fechadas.

Meu pai falou pouco durante a viagem; acreditava que precisava se concentrar muito na estrada à frente. Havia comprado seu primeiro carro, um Chrysler Roadster, cinco anos antes, em 1925; logo, um automóvel não era algo comum para ele, mas inovador. Paramos em Atlanta na primeira noite, e, depois de nos registrarmos no hotel, meu pai pediu para que eu me arrumasse bem. Coloquei o vestido de seda lavanda de cintura baixa e pequenas rosas estampadas. Eu usa-

va a estola de visom de minha mãe, que eu havia pegado apesar de ela ter me instruído a não fazê-lo. Quando criança, eu tinha a permissão de usar a estola em ocasiões especiais — na ceia de Natal, no *brunch* de Páscoa — e acabei acreditando que era minha. Porém, agora que eu a usava por conta própria, parecia mais um fardo, um acessório elegante demais para mim. Eu me sentia jovem para o vestido, embora não fosse o vestido, mas meu corpo que me fazia sentir daquela maneira. Meus seios eram recentes e delicados, eu ainda tinha uma postura furtiva, típica de uma garota imatura. Meu pai, em seu terno cinza de risca de giz, não tinha uma aparência muito diferente da usual, com exceção do lenço verde-limão que enfiara no bolso do paletó. Não o verde-limão de hoje em dia, berrante e fluorescente. Naquela época, não havia cores assim. Não, eu me refiro à verdadeira cor de um limão, com um brilho pálido.

Na entrada do restaurante, dei o braço a meu pai, como minha mãe em geral fazia, e ele me olhou, espantado. Sorri e tentei não chorar. Eu ainda me apegava à esperança de que talvez ele não me deixasse na Carolina do Norte, que tivesse outros planos para a gente. Meus olhos estavam inchados de chorar por duas semanas, e eu sabia como era difícil para meu pai ver alguém chorar.

O país atravessava a Grande Depressão, mas minha família não tinha sofrido as consequências. Meu pai era médico, e as pessoas sempre pagariam por saúde. E, além do mais, havia o dinheiro da família, do qual meus pais acabariam por depender. Mas só depois que os pacientes de meu pai ficassem tão pobres que não pudessem oferecer a ele um tostão sequer em troca de seus serviços. Percebi isso depois que voltei de Yonahlossee. A Depressão tinha um significado diferente para mim quando parti.

Raramente eu me aventurava para longe de casa. Vivíamos em uma cidadezinha no centro da Flórida, que recebera seu nome em homenagem a um falecido líder indígena. Era insuportavelmente quente no verão — isso foi antes do ar-condicionado — e refrescante e agradável no inverno. Os invernos eram perfeitos e compensavam os verões. Quase não víamos nossos vizinhos, mas eu tinha tudo de que precisava bem ali: éramos donos de um terreno de mil acres, e às vezes eu saía de manhã montando Sasi, meu pônei, com um farnel de almoço, e só voltava quando o sol se punha, a tempo do jantar, sem ter encontrado viva alma durante a cavalgada.

E então pensei em meu irmão gêmeo, Sam. Eu tinha a ele, acima de tudo.

Meu pai e eu comemos filé mignon e beterrabas assadas no restaurante do hotel. Na decoração, o que se destacava eram as janelas de vidro tão altas

quanto o salão. Quando tentei olhar para fora, para a rua tranquila, vi um reflexo borrado de mim mesma, esquisita e cor de lavanda. Éramos os únicos clientes, e meu pai elogiou meu vestido duas vezes.

—Você está adorável, Thea.

Meu nome é Theodora, um nome de família. Segundo me contam, Sam reduzira-o para Thea quando tínhamos dois anos. A beterraba estava insossa e dava uma sensação desagradável na língua; tentei não pensar no que meu irmão estaria fazendo enquanto eu comia.

Meu pai me contou novamente que em Yonahlossee eu iria cavalgar todos os dias, menos domingo. Agradei a ele. Eu estava deixando Sasi para trás, na Flórida, mas isso não tinha importância, porque eu já estava grande demais para ele. Chutava os cotovelos dele quando o conduzia. Naquele momento, pensar no meu lindo pônei pintado me deixava muito triste. O pelo dele, segundo minha mãe sempre dissera, tinha uma beleza especial, dividido de maneira uniforme em manchas brancas e pretas. Pensei em seus olhos, um azul, outro castanho, o que não era tão raro assim em se tratando de cavalos: se o pelo que circundasse o olho fosse branco, o olho era azul; se fosse preto, o olho era castanho.

Nossa refeição, a última que faríamos juntos em um ano, transcorreu quase toda em silêncio. Eu nunca havia comido sozinha com meu pai. Com minha mãe, sim, diversas vezes, e com Sam, claro. Não sabia o que conversar com meu pai. Depois de todo aquele problema em casa, eu tinha medo de dizer qualquer coisa.

—Você vai voltar logo para casa — disse meu pai, tomando café e comendo creme *brûlée* — depois que essa confusão toda se acomodar.

E aí foi a minha vez de ficar surpresa com o comportamento dele. Bebi meu café depressa e queimei os lábios. Em casa, só me deixavam provar o café da mamãe. Meu pai raramente falava de assuntos desagradáveis, de qualquer tipo, pessoal ou de outra natureza. Talvez fosse esse o motivo pelo qual eu sabia tão pouco a respeito da Depressão.

Ele sorriu para mim, um sorriso doce e contido, e senti meus olhos se enternecerem. Quando minha mãe sorria, todos os dentes da boca ficavam aparentes; o rosto dela se revelava. O sorriso do meu pai, porém, era algo que precisava ser procurado. Nesse momento, seu sorriso significava que ele ainda me amava, depois de tudo o que eu tinha feito. Eu queria que ele me dissesse que as coisas ficariam bem. Mas meu pai não mentia. As coisas não ficariam bem; nunca mais elas ficariam bem.

Eu jamais iria gostar de um lugar da forma como eu gostara da minha primeira casa, onde eu nascera e vivera até a confusão se iniciar. Alguém poderia subestimar meu amor pelo lugar explicando que eu era apegada às pessoas que moravam lá: minha mãe, meu pai, meu irmão. Isso é verdade, eu realmente amava aquelas pessoas, mas eu não conseguia me lembrar de minha família sem me lembrar dos jardins nos quais eles caminhavam, das varandas envidraçadas em que liam, dos quartos para onde se recolhiam. Eu gostava da casa independentemente de minha família. Eu conhecia a casa, ela me conhecia, nós encontrávamos refúgio uma na outra. Por mais absurdo que pareça, havia certa mágica naquele lugar.

Confesso que estava tão triste em deixar a casa quanto em deixar minha família. Eu nunca me distanciara por mais que algumas poucas noites, e tinha absoluta certeza de que ela estaria mudada quando eu retornasse.

Eu também estaria mudada. Quando meus pais me encontrassem na estação de trem de Orlando, muito tempo depois, eles veriam uma pessoa totalmente nova.

Deixei minha casa, minha amada casa, e fui levada para a Escola de Equitação Yonahlossee, um enclave para moças endinheiradas, com uma equipe composta por ex-alunas que aguardavam por um casamento.

Eu me tornei uma moça, como é costume dizer na Escola de Equitação Yonahlossee.

Naquela época, entretanto, eu não sabia nada sobre o lugar, exceto que era para onde meus pais me mandaram a fim de não precisarem olhar para mim. Chegamos ao entardecer, uma hora melancólica que eu sempre odiara. Por baixo de uma cobertura de carvalhos imensos, seguimos pela longa estrada de cascalho que parecia não ter fim; e então me ocorreu que talvez levasse semanas até que eu viajasse por esse caminho de novo.

Meu pai agarrava o volante com força e piscava, concluindo com cuidado a tarefa que lhe cabia, como sempre costumava fazer. Paramos em uma praça — na verdade, era mesmo chamada de Praça, como eu viria a saber mais tarde — de alojamentos com telhas de bétula, e meu pai desligou o carro; olhei em volta procurando outra garota, mas não achei. Abri a porta.

— Thea! — chamou meu pai, mas ignorei.

Coloquei os pés no chão barrento, tão diferente do solo da Flórida, que agora estava ressecado por causa do verão. O ar tinha um cheiro úmido, mas

não de maresia. O oceano estava sempre por perto na Flórida, mesmo que se morasse a horas de distância dele, como nós; em Yonahlossee, ficava-se encapsulado, de todos os lados, por montanhas.

Observei o prédio à minha frente enquanto meu pai ajustava o carro — ele não se afastava do automóvel enquanto não se certificasse de que tudo estava desligado apropriadamente. Mesmo agora. E esse prédio era algo como eu nunca vira antes, parcialmente construído na montanha. As estacas que o sustentavam me faziam lembrar patas de cavalos, altas e instáveis, e pareciam incapazes de suportar tal peso. Sempre tive a sensação de que o prédio poderia cair, iria cair. Mais tarde, muito mais tarde, nosso diretor me contou que esse era, de fato, o modo mais seguro de se construir em regiões de montanhas. Jamais acreditei nele.

Como era domingo, todos no acampamento já tinham jantado, mas eu não sabia disso àquela altura e fui tomada por uma terrível sensação de medo e solidão. Aquela não era minha casa, minha família estava em outro lugar.

Um homem se aproximou, como se tivesse se materializado do nada, e ainda distante demais — três, seis metros — estendeu a mão para meu pai apertar. Pensei por um instante que ele lembrava meu irmão.

— Meu nome é Henry Holmes — falou em voz alta. — Sou o diretor.

A primeira coisa que pensei foi que achei o título esquisito: eu não sabia que acampamentos de verão tinham diretores. Depois, ele se aproximou de nós e primeiro meu pai apertou a mão dele; em seguida, o Sr. Holmes segurou a ponta dos meus dedos e fez uma ligeira medida. Inclinei a cabeça.

— Thea — disse meu pai. — Theodora, mas pode chamá-la de Thea.

Confirmei com um aceno de cabeça e corei. Eu não estava acostumada a lidar com estranhos, e o Sr. Holmes era atraente, com brilhantes cabelos castanho-escuros que pareciam precisar de um corte. As mangas de sua camisa estavam cuidadosamente puxadas para cima e, agora que ele estava mais perto, pude ver que, na verdade, ele não se parecia com meu irmão. Sam tinha um rosto aberto e alegre, com olhos arredondados cor de avelã — os olhos de nossa mãe. Sam sempre parecia tranquilo, bondoso. O rosto do Sr. Holmes estava um pouquinho tenso, os lábios apertados como se fizesse uma avaliação. E ele era um homem, com o sombreado de uma barba. Meu irmão era um menino.

Naquele momento, eu veria o rosto de Sam em qualquer pessoa. Eu havia pegado um de seus lenços com monograma, que era algo que adultos

nos livros faziam, dar uma lembrança aos entes queridos. Mas é claro que Sam não tinha me oferecido nada; eu é que tinha tomado. O lenço permanecia aberto contra meu tórax, por baixo do vestido; ninguém no mundo, além de mim, sabia que ele estava ali. Apertei a mão contra a barriga e fitei o Sr. Holmes nos olhos, conforme minha mãe tinha me ensinado a fazer com estranhos. Eu não conseguia me lembrar de ter conhecido um homem com o qual eu não tivesse algum parentesco, embora certamente isso deva ter acontecido.

— Estamos contentes que tenha decidido se juntar a nós — disse ele, e sua voz parecia mais suave quando falou comigo, como se estivesse tentando mostrar solidariedade não com as palavras, mas com a maneira como elas soavam ao atingirem meus ouvidos.

Eu lhe disse que também ficava contente de estar ali. Ele deve ter adivinhado que algum fato desagradável fora responsável por minha chegada a Yonahlossee com a temporada já iniciada. Eu estava me matriculando no meio do verão; fiquei imaginando que desculpa meu pai tinha dado.

O Sr. Holmes nos levou pela alta escada até o Castelo, e, ainda que eu só fosse descobrir mais tarde que era assim que as pessoas chamavam o prédio, imaginei já naquele dia que parecia uma fortaleza, imponente e elegante. A escadaria era descoberta e devia ter acabado de chover, porque a madeira estava escorregadia. Subi com cautela. Duas lamparinas a gás ladeavam o alto da escada. As chamas gêmeas queimavam, em laranja e vermelho, dentro do vidro. O Sr. Holmes abriu a pesada porta de carvalho, pintada de azul-marinho com detalhes em amarelo, as cores da escola, e nos levou até a sala da frente, que funcionava como refeitório e local de oração.

O Sr. Holmes fez uma pausa diante da janela frontal envidraçada.

— Tão diferente da Flórida — comentou meu pai.

Ele sorriu para mim, e vi sofrimento em seu semblante. Seus cabelos tinham começado a ficar grisalhos nas têmporas no ano passado, e percebi, de repente, que meu pai ficaria velho.

O Sr. Holmes fez um aceno para que entrássemos em seu escritório, onde me sentei em um canapé de veludo marrom, enquanto ele e meu pai cuidavam dos trâmites necessários. Eu podia sentir o Sr. Holmes me observando, mas não levantei o olhar.

Tossi, e meu pai virou o rosto.

— Você espera lá fora, Thea?

Não era, no entanto, uma pergunta. Saí e caminhei pelo hall do lado de fora do escritório. De onde eu estava, podia ver as mesas que já estavam postas para a próxima refeição, mesas que amanhã de manhã certamente estariam cheias de meninas. Centenas delas. Eu queria muito estar em outro lugar.

Retornei ao escritório do Sr. Holmes e deparei com uma parede de fotografias que, por algum motivo, eu não tinha reparado antes. Cavalos e, montadas neles, as meninas. Cheguei mais perto e li a pequena legenda gravada sob cada foto, toquei o metal e senti as palavras. Em cada placa, havia o nome de um cavalo e, embaixo, o nome de uma menina e depois, finalmente, *Primeiro Lugar, Torneio da Primavera*, e o ano. Algumas fotos datavam dos anos 1800. Os cavalos não tinham mudado muito, mas as primeiras meninas montavam de lado, as pernas penduradas inutilmente para um só lado do animal. Dava para perceber o passar do tempo, tanto pela qualidade das fotos quanto pelos nomes das moças, as vestimentas e os penteados; os dois últimos cada vez menores à medida que o tempo corria. Tantas pessoas tinham passado por este lugar. A fotografia mais recente era de uma menina alta com cabelos louros quase brancos e traços aristocráticos, montada sobre um gigantesco cavalo; o conjunto fazia o homem que estava próximo a eles, oferecendo o prêmio, parecer um anão. *Leona Keller*, estava escrito, *King's Dominion, Primeiro Lugar, Torneio de Primavera, 1930*.

Notei uma pequena mesa de tampo de mármore perto da porta do escritório do Sr. Holmes, com duas pilhas arrumadas de brochuras sobre ela. Escola de Equitação Yonahlossee, dizia a primeira, *Oferecendo temporadas equestres de verão para moças desde 1876*. Logo abaixo do texto via-se uma fila de garotas sorridentes, vestidas com blusas e saias brancas, cada uma delas segurando a rédea de um cavalo. As orelhas dos animais estavam todas apontadas para cima, a atenção voltada para algo atrás da câmera.

A princípio, pensei que as brochuras na outra pilha fossem apenas versões anteriores. Nas capas, uma foto do que deve ter sido todo o corpo discente, uma massa de garotas enfileiradas e empertigadas, todas fitando a câmera com olhares solenes. Escola de Equitação Yonahlossee, escrito com a mesma letra, *Educando moças desde 1902*.

Ouvi uma voz atrás da porta do escritório do Sr. Holmes e me afastei em direção à janela. Apoiei uma das mãos na vidraça, meu polegar bloqueando metade de uma cadeia de montanhas. A vista era espetacular, eu nunca vira nada parecido. A Flórida era plana e quente, mas, pelo que eu podia ver por

esta janela, aqui havia picos de montanhas cinzentos, salpicados de árvores, perfurando as nuvens que permaneciam tão baixas que não deviam ser nuvens comuns. As nuvens que eu conhecia flutuavam, altas, nos céus.

Eu não estava tão enfurecida assim com minha situação a ponto de não ser capaz de discernir o que era belo.

Fui designada para a Casa Augusta. Todos os alojamentos tinham nomes inspirados em parentes dos fundadores: havia a Casa Mary, a Casa Spivey, a Casa Minerva. O Sr. Holmes nos conduziu, a mim e a meu pai, pelo meio da Praça, mas eu seguia um ou dois passos atrás deles, para não precisar falar. As passadas do Sr. Holmes eram enormes; ele era alto e delgado e muito maior que meu pai, que sempre fora do tipo baixinho. Sam, que crescera como uma erva daninha nos últimos meses, agora estava mais alto que ele. Meu irmão deveria estar comendo naquele momento, ou — como saber? — talvez o jantar já tivesse terminado. Talvez ainda estivesse usando as roupas do dia: short e uma camisa de linho de botões, o traje ideal para tornar o sol mais suportável. Nunca usávamos camisas com mangas compridas no verão, mas em Atlanta todo homem que eu já encontrara vestia um terno completo, apesar do calor. O Sr. Holmes usava um terno agora e tinha saído com papai do escritório vestindo um paletó.

Meu pai caminhava com passos rápidos, para acompanhar o ritmo, e queria deixar as mãos nos bolsos, mas as retirava constantemente, por puro instinto, para manter o equilíbrio.

Fiquei pensando se seria capaz de reconhecer a parte de trás da cabeça de papai no meio de uma multidão. Sem dúvida eu reconheceria a cabeça de Sam, os cabelos grossos que mamãe tentava alinhar sempre que passava perto dele, adotando o hábito de alisar sua cabeça.

O Sr. Holmes abriu a porta da Casa Augusta e entrou primeiro, mas antes disso se virou e me deu um leve sorriso; pude ouvi-lo dizer às meninas que elas tinham uma visita, e quando meu pai e eu entramos, um instante depois, cinco garotas estavam de pé ao lado de seus beliches, as mãos às costas, sem esboçar qualquer movimento. Já estava quase escuro agora, e a luz vinda de uma arandela na parede era a única fonte de iluminação do quarto. Achei estranho que o Sr. Holmes, um homem adulto, tivesse entrado no alojamento cheio de meninas sem bater. Mas elas sabiam que ele viria. Imaginei o que mais saberiam.

— Esta é Theodora Atwell, que veio da Flórida para ficar conosco.

Uma após a outra, as meninas fizeram um aceno com a cabeça, e o pânico tomou conta de mim. Será que elas faziam tudo assim, em sequência? Como eu saberia?

— E estas — o Sr. Holmes as apresentou, começando com a garota da esquerda — são Elisabeth Gilliam, Gates Weeks, Mary Abbott McClellan, Victoria Harpen e Eva Louise Crayton.

— Prazer em conhecê-las — eu disse, e todas inclinaram as cabeças ligeiramente.

Elisabeth, a primeira menina, relaxou a postura e quebrou a rigidez estabelecida, e fiquei grata por isso. Eram só garotas, como eu. Ela colocou uma mecha do cabelo castanho atrás da orelha e sorriu, um sorriso meio torto. Parecia ter um bom coração. Gostei de seus olhos azuis; eram bem afastados, como os de um cavalo. Ela seria minha amiga Sissy.

Fiquei pensando, naquele alojamento tão mal iluminado e que cheirava tanto a madeira, o que havia trazido cada menina até ali. Ou quem as trouxera. Cada uma de nós tinha uma cama num beliche, um pequeno armário, um lavatório, uma escrivaninha, um toucador. As monitoras da casa dividiam um quarto em outro alojamento; nós, as meninas, ficávamos completamente sozinhas. Peguei a mão do meu pai, que estava ao meu lado, e esperei que as outras meninas não me considerassem infantil. O aperto dele me surpreendeu, e então percebi que era verdade, que ele realmente iria me deixar ali. Puxei minha mão e dei um passo à frente.

— Estou feliz por estar aqui.

Meu pai me deu um beijo no rosto e me apertou contra ele, em uma espécie de meio abraço esquisito; eu fiquei constrangida em vez de triste, todas essas meninas nos observando. O Sr. Holmes desviou o olhar, educadamente. Então eles saíram, e fiquei ali sozinha, naquele quarto cheio de garotas, me sentindo aterrorizada. Eu estava acostumada ao sentimento de medo — ele se infiltrava em meu cérebro cada vez que eu tentava um salto mais alto —, mas tratava-se de um medo acompanhado de certa excitação.

Eu observava os rostos ilegíveis de todas as garotas enquanto elas me observavam e eu sentia um medo que nunca sentira antes. Não havia para onde fugir, não havia ninguém para me consolar, a não ser eu mesma. Comecei a cruzar os braços na frente do peito, mas então o instinto me interrompeu: não queria que nenhuma delas percebesse que eu estava com medo.

— Theodora? — perguntou a menina bonita meio cheinha, e me lembrei de seu nome. Eva.

— Thea — balbuciei. Mas eu não vinha de uma família que balbuciava. Pigarrei. — Thea. Um apelido.

— Bem, assim é melhor — retrucou Eva, e riu. — Theodora é grande demais.

Hesitei — será que ela estava caçoando do meu nome? Mas então ela deu um tapinha no beliche ao lado dela.

— Este é para você. Você fica por baixo.

Sissy riu. O som me sobressaltou, depois me confortou.

— Você já dormiu em um beliche? — perguntou ela. — Eu também durmo na parte de baixo. É pior, mas você chegou tarde.

Apontei para minha mala, que permanecia ao pé da cama; apontar indicava falta de modos, agora as meninas iam pensar que eu era mal-educada, mas parecer sem educação era melhor do que explicar por que eu tinha chegado tão tarde.

— Minha mala já está aqui.

— Foi um dos homens que trouxe — Mary Abbott se meteu na conversa. A voz dela soava débil.

— Mas não o bonito! — acrescentou Eva, e Sissy riu.

Gates, sentada à mesa escrevendo algo — uma carta? para quem seria? —, virou-se e percebi que ela não aprovava aquilo.

— Ah, Gates — disse Eva. — Não seja tão séria. Só estamos conversando. — Eva se voltou para mim, languidamente; ela se movimentava como se não ligasse para nada no mundo. — Existem dois homens aqui que se incumbem das tarefas. Um é muito bonito. E o outro... você vai ver.

Senti meu rosto ficar quente e imediatamente caminhei até a cama, de modo que as outras meninas não reparassem. Eu corava facilmente. Ocupei-me da mala e, depois de um momento, notei que todo mundo estava se trocando, vestindo a camisola. Tirei minhas roupas depressa — nunca na vida outra garota tinha me visto nua. Só minha mãe, e ela não era uma garota. Tomei cuidado de esconder o lenço quando tirei a roupa — elas iam me achar infantil se vissem que eu tinha escondido um pedaço de tecido de meu irmão entre minhas roupas. Ou pior do que infantil: esquisita.

Nossas camisolas eram todas iguais — a minha fora colocada em cima da cama: um vestido solto de algodão macio, com decote em V, bainha na altura

da canela, as iniciais *EEY* bordadas acima de peito esquerdo. Sobre nossos corações. A camisola que eu trouxera tinha gola alta, punhos franzidos e ia até o tornozelo. Teria me denunciado imediatamente. Minha mãe me dissera que eu usaria uniforme; por isso, não precisei colocar muita coisa na mala. A ideia tinha me deixado enfurecida. Eu seria tratada como todo mundo! Mas agora eu estava satisfeita. Não sabia que minha camisola era completamente inadequada.

As meninas saíram aos pares — Eva e Sissy, Gates e Victoria — até que só restamos Mary Abbott e eu. Não tive escolha a não ser segui-las. Eu não queria perguntar para onde estávamos indo, mas o fiz.

— Para as latrinas. Sei o que está pensando: como não temos um banheiro em nosso alojamento? — perguntou. Ela baixou a voz como se estivesse conspirando: — Eles acham que é bom para nós. — Seu sotaque sulista era bem forte. O Sr. Holmes tinha sotaque, mas não eu conseguia defini-lo. Ele falava em um tom entrecortado, o oposto de como falava todo mundo na Casa Augusta. Eu não tinha sotaque algum, não em comparação a essas meninas. — Pelo menos temos água encanada. E água corrente para os banhos.

Concordei com Mary Abbott, insegura sobre a melhor maneira de responder. Eu sempre tivera água encanada e água corrente.

Eva e Sissy passaram por nós ao retornarem para o beliche, assim como outros pares de meninas. Parecíamos fantasmas naquelas camisolas, e odiei aquele lugar, odiei aquelas garotas, meu primeiro sentimento claro e incontestado desde que eu chegara. Apertei mais o xale em volta dos ombros e odiei minha mãe.

O recinto das latrinas estava impecável — o que me deixou grata. Não quis esperar por Mary Abbott, corri de volta para o beliche sem precisar cruzar olhares com ninguém. Quando tínhamos passado por Eva e Sissy, percebi pelo modo como sorriram que Mary Abbott não era alguém que eu iria querer manter como par. Eu já estava deitada quando Mary Abbott entrou; ela me olhou por um longo segundo, um olhar tristonho, pensei, mas não havia motivo para isso, porque ela só me conhecia há uma hora — e então alguém entrou no alojamento, jovem demais para ser uma mulher, velha demais para ser uma menina. Ela mal olhou para nós. Quando me avistou, fez um aceno com a cabeça:

— Theodora Atwell. Fico contente de ver que já se acomodou. — E apagou as luzes. — Boa noite, meninas — disse ela em voz alta ao sair do quarto.

— Boa noite, Henny — respondeu todo mundo, em unísono.

As meninas desejaram boa-noite, umas para as outras, em sussurros sonolentos; achei que já tivessem terminado quando Eva falou:

— Boa noite, Thea — sussurrou ela, e todas as outras meninas seguiram a deixa, meu nome sendo murmurado cinco vezes, e pareceu surpreendente que eu soubesse que voz pertencia a quem; pareceu surpreendente que essas garotas já estivessem me disputando.

A última menina que eu conhecera fora Milly, uma vizinha na Flórida, e ela já tinha se mudado havia anos. Carregava sempre uma boneca. Eu a achava maçante, o que em minha família era a última coisa que você gostaria de ser. Outras pessoas eram maçantes; os Atwell eram interessantes.

Sam gostava de Milly, porém. Ela o ficava observando cuidar dos terrários dele, ela o ajudava a cortar os galhos das árvores em tamanhos que facilitassem a lida, ouvia com interesse meu irmão explicar como seu enorme sapo-boi transmitia veneno das glândulas por trás dos olhos. Apenas Sam era capaz de levantar o sapo; quando eu tentava, ele inchava até atingir o dobro do tamanho normal. Sam exalava um ar de zelo em que os animais confiavam. As pessoas, também.

Não gostei de ver Milly lá com Sam, quando voltei de uma cavalgada. Então roubei a boneca dela e a enterrei atrás da cocheira. Ela nunca mais voltou à nossa casa.

Sam sabia o que eu tinha feito. Eu fora cruel, e ele detestava crueldade. Acho que meu irmão não compreendia isso, o impulso de prejudicar outro ser vivo. Por isso ele não consegue cavalgar. A ideia de pressionar uma espora contra a superfície suave de um cavalo, ou de levantar um chicote para um animal estúpido — bem, Sam não conseguia imaginar esse tipo de coisas.

Ele ficou com vergonha de mim, e eu quase fiquei com vergonha de mim mesma, mas logo Milly foi esquecida, enterrada na poeira da memória de uma criança.

Uma das meninas murmurou algo sem sentido, falando enquanto dormia.

— Shh... — fez Gates —, shh... — E o murmúrio cessou.

Em nossa primeira parada em Atlanta, meu pai e eu dormimos em quartos separados. Nunca tínhamos viajados sozinhos antes, então eu não sabia como interpretar isso, mas em meu grande quarto de hotel eu chorei, e depois me dei um tapa por ter sido tão boba e desesperada: não era nada, disse a mim mesma, recomponha-se. Eu tinha adormecido com o barulho dos automóveis

sob minha janela, imaginando se meu pai ouvia o mesmo som no quarto do outro lado do corredor, imaginando se pelo menos ele estava acordado para escutar o barulho ou se estava morto para o mundo.

Os automóveis do lado de fora da janela me fizeram sentir menos solitária, embora isso fosse uma tolice — os homens e as mulheres dentro daqueles carros não eram meus amigos.

Fiquei pensando se Sam ainda estaria acordado, ouvindo os grilos de Emathla. Fiquei pensando o que mais ele tinha escutado hoje, o que mais havia feito. Mamãe ainda estaria acordada, lendo, escutando o rádio; papai ainda estaria dirigindo, se eu fosse adivinhar, serpenteando cautelosamente por entre as montanhas.

Pensei em meu primo, Georgie, e quis chorar, mas não ia me permitir. Eu já tinha chorado o suficiente por uma vida inteira. Por duas vidas inteiras. Três.

Na manhã seguinte, fui acordada por um sino. Sentei-me depressa e bati a cabeça no beliche. O rosto de Eva apareceu perto do meu, vindo da cama de cima.

— Você parece um morcego — eu disse, e ela me olhou sonhadora; admirei sua pele bonita, as bochechas cheias.

Massagei meu couro cabeludo e esperei que as outras meninas se levantassem. Porém, ninguém se mexeu por alguns minutos; em vez disso, permaneceram na cama, bocejando e se espreguiçando. Eu nunca tinha ficado sozinha com tantas garotas por tanto tempo. Mamãe mandara a mim e Sam para a escola de Emathla durante duas semanas, antes de decidir que não era boa o suficiente para nós; no entanto, as diferenças entre mim e as outras crianças, filhas de pessoas do campo, ficaram bem claras. Aqui eu não sabia como me posicionar.

Todas as meninas pareciam atordoadas, deitadas nas camas. Eva era a mais alta de todas; Mary Abbott, a mais baixa. Victoria era a mais magra, mas era magra demais, com uma clavícula tão acentuada que ela parecia desnutrida. Meu cabelo não era escuro nem claro; eu não era alta nem baixa. Em casa, quase nunca via outras crianças. Papai nos ensinava as lições, e quando Sam e eu chegávamos a ver outro menino ou outra menina na cidade, eles sempre nos olhavam de perto, porque éramos gêmeos e parecidos de uma forma estranha: ambos tínhamos o nariz forte de nosso pai, e as maçãs do rosto altas e largas. Nossos rostos pareciam esculpidos, mamãe dizia. E ambos tínhamos os cabelos de mamãe, de um castanho-avermelhado vivo e grosseiramente ondulados. Pareciam o mesmo, quando você tocava. Nossa semelhança fazia

com que chamássemos atenção onde quer que passássemos. Aqui, sem Sam, eu era como qualquer outra pessoa, exceto pelo fato de ser um pouco mais bronzeada, por causa do sol da Flórida.

Outra pessoa entrou, claramente uma criada — eu soube por causa do uniforme.

— Bom dia, Docey — disse Eva.

Docey sorriu rapidamente na direção dela e então despejou água em cada um de nossos lavatórios. Depois, todo mundo se levantou e se dirigiu até eles — que eram lisos e simples, feitos de nogueira, mas com as vasilhas lindamente pintadas com flores delicadas. A borda do meu estava lascada. Docey era menor do que qualquer uma de nós. Eu diria que ela não tinha mais do que um metro e meio, mas era robusta, com cabelos castanho-claros presos em um coque apertado, e era vesga. Falava com um sotaque bruto e rápido, sulista, mais confuso do que o das outras. Tempos depois, eu iria descobrir que sua fala revelava que ela vinha da parte mais pobre de Appalachia.

Após nos lavarmos e nos vestirmos, atravessamos a Praça em direção ao prédio que eu visitara na noite anterior, com papai. Eu tinha dormido com o lenço de Sam embaixo do travesseiro. Eu queria colocá-lo por baixo das minhas roupas de novo, mas o risco de Eva ou Sissy — era elas que eu queria impressionar mais — pudessem ver era alto demais. Aparentemente, pela manhã, precisávamos estar completamente vestidas antes de sairmos do dormitório.

Quando coloquei o pé do lado de fora, fiquei chocada com a massa de meninas. Havia muitas, todas vestidas com blusas e saias brancas com golas peter pan, e o monograma azul-marinho *EEY* bordado sobre o coração. Acho que para me preparar, meu pai me dissera que haveria quase duzentas meninas, mas eu não estava preparada, não para esse exército. A única coisa que de imediato as diferenciava era o cabelo — uma garota com cachos apertados espiou na minha direção e cochichou algo no ouvido da amiga, e percebi que eu estava com um olhar abobalhado. Aproximei-me da multidão e procurei manter o ritmo, procurei acertar meu passo com o delas. Olhei para as pernas de todas as meninas e percebi que ninguém usava meia; da cintura para baixo, todas parecíamos um bando de crianças.

Sissy me alcançou. Seus cabelos castanhos tinham um moderno corte channel. Toquei meus cabelos, que caíam sobre os ombros. Eu queria aquele corte, mas mamãe não tinha deixado.

— Você caminha rápido — disse ela.

Reduzi o ritmo.

— É verdade.

— É quente na Flórida. — A voz dela era rouca; fazia um contraste acentuado com seus traços delicados.

— De onde você é? — perguntei.

— Monroeville.

Ela agiu como se eu tivesse que saber onde ficava. Fingi que sabia.

— O que seu pai faz? — perguntou ela.

— Ele é médico. E possui um pomar de laranjas. — A última parte não era tecnicamente verdadeira, as frutas eram da família da minha mãe, mas supus que possuir terras significaria uma vantagem ali.

— Adoro laranjas! — disse e sorrii aquele sorriso torto, que retribuí, ao ver seu entusiasmo.

As laranjas não eram um deleite para mim. Eram um fato consumado.

— O que seu pai faz? — perguntei.

— Administra os negócios de meu avô. E monta a cavalo. Foi por isso que me enviou para cá, para aprender a montar. Mas acho que não levo muito jeito.

— Não?

— É sujo demais — explicou. Depois acrescentou depressa: — Mas não pense que eu sou assim. — E me olhou de soslaio. — Simplesmente gosto mais de outras coisas.

Fiquei surpresa com o som de minha risada. Eu não ria há semanas.

As outras meninas se aglomeraram ao nosso redor quando entramos no refeitório. Agrupadas em mesas cobertas com toalhas de tecido, elas conversavam, e eu pude perceber que gostavam dali, se sentiam à vontade.

Sissy apontou minha mesa, onde Mary Abbott, Victoria e Henny estavam sentadas entre outras garotas. Mary Abbott deu uma risada eufórica quando me viu, eu a retribuí com um pequeno sorriso e, em seguida, escolhi o assento mais distante do dela.

— Olá, Theodora — disse Henny.

Eu ia falar meu apelido, mas Mary Abbott se intrometeu.

— Ela atende por Thea.

Henny nem reparou no que Mary Abbott disse e continuou apresentando as outras da mesa, uma mescla de meninas mais velhas e mais novas e uma professora, a Srta. Metcalfé, que tinha uma pele muito macia e dentes pequenos e perolados.

Havia pratos quentes — ovos, bacon e presunto, muffins de framboesa, mingau de milho — mas eu não tinha nenhum apetite. Na maior parte do tempo, todo mundo me ignorou, e fiquei agradecida por isso. Pensei que Sam teria adorado toda aquela comida; ele começara a comer tal qual um cavalo nos últimos meses. Eu sabia onde ele estaria naquele exato momento: fora de casa, cuidando de algum animal machucado, ou alimentando os insetos em um de seus terrários, rearrumando um galho de modo que um lagarto tivesse um lugar melhor para tomar sol. Nem sempre ele tinha um animal machucado para cuidar, mas estava tomando conta de um ninho de esquilinhos há algumas semanas. A mãe deles havia desaparecido.

— Eu posso fazer uma pergunta? — disse Molly, mais ou menos no meio da refeição.

Ela tinha os dentes da frente grandes, o que a fazia parecer mais jovem do que era. Seus cabelos castanhos e finos caíam lisos, uns dois centímetros abaixo da cintura. Precisavam de um corte.

— Eu *podia*... — corrigiu Henny.

Ela era rechonchuda, com um queixo duplo e uma verruga mal posicionada na têmpora esquerda. Não era feia, mas lá estava a verruga. Eu não gostava de Henny, mas fiquei aliviada com a presença dela, uma quase adulta que, juntamente com a Srta. Metcalfe, estava ali para manter a ordem.

Molly continuou:

— Por que você chegou tão tarde?

— Perdão?

— Por que não chegou no início da temporada, como todas nós?

Esperei que Henny interviesse, mas ela ficou sentada, quieta, como as demais, me observando. Alice Hunt Morgan, de Memphis, Tennessee, passou o dedo pela borda do copo. Eu a chamaria de Alice e ela me corrigiria: Alice Hunt, ela diria, esse é meu nome completo. Agora todas esperavam minha resposta. Estavam curiosas, e eu não podia culpá-las: eu era uma intrusa.

— Foi um presente de aniversário tardio — esclareci. — Estávamos na Europa nas férias porque fica quente demais na Flórida durante o verão. — Fiz uma pausa. As meninas esperaram, as cabeças inclinadas. Molly enrolava uma mecha do cabelo desgrenhado entre os dedos. — Nós vamos todo ano e eu desejava muito ir, mas meu pai queria que eu viesse para cá de qualquer forma. Então ele organizou assim. — Encolhi os ombros, como se dissesse que tudo estava nas mãos de adultos generosos e capazes.

— Onde na Europa? — perguntou Molly, mas então as outras meninas já haviam se cansado de mim e tinham voltado aos próprios assuntos.

— Paris — respondi. — Adoro Paris no verão.

Molly concordou, satisfeita, e desviou o olhar. Toquei minha cabeça procurando um ponto dolorido da batida da manhã, mas não havia nada. Olhei para o outro lado do cômodo e vi Sissy, que sorriu para mim. Sorri de volta.

— Thea — chamou Henny. Então ela ouvira Mary Abbott; Mary Abbott era uma menina que costumava ser ignorada. — Beba tudo. — Ela apontou para meu leite.

Contemplei o copo, que mal fora tocado. Em casa, bebíamos suco de laranja ou de toranja, dependendo da época. Nunca leite. Mamãe tinha aversão a leite. Às vezes misturávamos leite ao chá, ou Sam e eu tomávamos com a sobremesa. Em Yonahlossee, logo eu iria saber, no almoço, um jarro de vidro de chá doce gelado, um pedaço de gelo flutuando no âmbar, ficaria perto do prato de Henny, e ela o serviria cuidadosamente. Esse chá gelado era grosso e xaroposo e, tenho de admitir, delicioso. Anos depois eu sentiria desejos de beber esse chá gelado, seu peso fresco sobre a língua, o amargor do chá forte compensado pelas copiosas quantidades de açúcar; eu viria a descobrir que sentir falta do chá doce de Yonahlossee era como uma tradição.

No entanto, isso viria mais tarde. Naquele momento, eu fitava meu pálido copo de leite e tentava não chorar.

— Thea — repetiu Henny, a voz baixa, mas eu sabia que iria chorar se olhasse para cima.

Então senti seu olhar se levantar; todas viraram os assentos na mesma direção e achei que fosse alguma forma estranha de sair, até que ouvi a voz dele.

— Bom dia, meninas — cumprimentou o Sr. Holmes.

— Bom dia, Sr. Holmes — todas responderam em coro, menos eu, e o Sr. Holmes pareceu secretamente encantado com a reação, mesmo que ele a ouvisse todas as manhãs.

Depois de transmitir os anúncios da manhã e liderar uma oração, uma mulher se aproximou de mim, velha demais para ser uma monitora. Era baixa e rechonchuda, com um rosto bonito.

— Sou a Sra. Holmes, a diretora. Acompanhe-me. — Ela apontou a escada na extremidade da sala.

Tentei não expressar minha surpresa, mas ela percebeu assim mesmo, e me olhou por um instante longo demais, de forma que eu compreendesse que havia

cometido um equívoco. Porém, eu também sabia que não podia ser a primeira pessoa a ficar surpresa com o fato de ela ser casada com o Sr. Holmes. Quando a vi de manhã, pensei que fosse a governanta, ou alguém da equipe de funcionários; mesmo do outro lado da sala, ela aparentava um jeito de matrona intrometida. Ocorreu-me que ela era impaciente. Eu a segui, obediente, andando devagar para não ultrapassá-la. A cintura dela parecia anormalmente fina, como se estivesse apertada por algo, e percebi que ela devia estar usando um corselete. Nem mamãe usava corselete, mas mamãe era tão magra que não precisava disso.

O escritório da Sra. Holmes ficava no terceiro andar, e, quando chegamos lá, ela estava sem fôlego. Enquanto ela abria a porta, fiquei perto o suficiente para ver como seus cabelos castanhos estavam bem presos em um coque; ela estava ficando grisalha, e isso dava para ver de longe.

O escritório era elegantemente decorado, com o canapé que ela apontou para que eu me sentasse com o estofado de um padrão de xadrez moderno.

— Theodora Atwell. Você está na mesa de Henny? — Antes que eu pudesse responder, ela continuou. — Conheço Henny há muito tempo. Ela é extremamente capaz. — Parecia um aviso. A Sra. Holmes baixou o olhar para os papéis a sua frente. — De Emathla, Flórida. Sempre achei que ser jardineiro na Flórida devia ser sublime. Lá se pode plantar qualquer coisa.

Minha mãe dizia exatamente o mesmo. Mas eu não queria pensar nela.

— Todo mundo me chama de Thea.

— Ah, eu sei — disse a Sra. Holmes, sorrindo para mim.

Fiquei pensando se o Sr. Holmes já teria dito a ela como me chamar, se eles conversavam sobre as meninas. Provavelmente sim.

— Diga-me, Thea — começou ela, enquanto se acomodava na pequena cadeira de madeira lustrosa e me fitava do outro lado da mesa, feita da mesma madeira, também lustrada até brilhar —, você está gostando até agora?

— Muito — respondi, porque não havia mais nada que eu pudesse dizer.

— Os fundadores de Yonahlossee eram pessoas muito progressistas. Eles abriram este acampamento em 1876, onze anos após a Guerra Civil. Por que, Thea, essa foi uma época tão importante na história de nosso país?

Pelo menos isso eu sabia. Meu bisavô tinha fugido da Guerra Civil.

— Porque o Sul era incredivelmente pobre. Porque era uma época horrível para essa parte do país. O mundo estava mudando rapidamente, e ninguém sabia o que aconteceria com o Sul.

Eu a tinha impressionado.

— Sim. — Ela balançou a cabeça concordando. Depois me contou sobre Louisa e Hanes Bell, que nunca tiveram filhos, mas que se impuseram a missão de fornecer um espaço de verão para as mulheres naquele mundo que mudava tão rapidamente, disse ela usando minhas palavras. Lugares como este só existiam no Norte, para moças e rapazes, e no Sul, para rapazes, mas os Bell perceberam tal deficiência e decidiram saná-la.

“E depois o acampamento virou uma escola, à medida que crescia a demanda. — Antes ela soava como se estivesse repetindo um discurso decorado. Agora ela me olhava, concentrada, mas eu não sabia por quê. — Então neste momento Yonahlossee é um acampamento equestre para algumas moças e escola para outras. Mas em ambos os casos é um local para as jovens aprenderem a se tornarem damas. Porque, Thea, tornar-se uma dama não é algo que simplesmente acontece, como em um passe de mágica. — Ela estalou os dedos e depois balançou a cabeça. — Não, muito pelo contrário: tornar-se uma dama é uma lição que deve ser aprendida.

“Neste mundo de incertezas — concluiu —, uma dama é mais importante do que nunca.

Ela estava se referindo à crise econômica, obviamente. Parecia triste pensar que os Bell nunca tinham tido filhos, principalmente porque haviam dedicado a vida aos jovens. Devia existir algo errado com os órgãos de Louisa. Eu não tinha uma ideia exata sobre o que a Sra. Holmes queria dizer: ela poderia até estar falando grego. Uma dama agora era mais importante do que nunca?

— E o nome? — perguntei, porque a Sra. Holmes me fitava de modo esperançoso. — Yonahlossee?

— Ah. — A Sra. Holmes fez um gesto curto com o dedo. — Um velho nome indígena. Não tem nada a ver com o lugar, na verdade. Era o nome do cavalo da Sra. Bell.

Esperei que ela continuasse, que dissesse algo sobre atividades ligadas à equitação. Ri comigo mesma; Sasi também era um velho nome indígena. Mamãe dera esse nome já que eu não tinha conseguido pensar em nenhum outro. Sasi era uma antiga palavra muskoguee que significa “está aqui”. Como em “a flor está aqui”. Mamãe dissera exatamente isso. Eu me lembrava de sua voz com toda clareza.

— Espero que você goste daqui. — A Sra. Holmes colocou os cotovelos sobre a mesa e me encarou com ar franco, as mãos pequenas entrelaçadas à sua frente.

— Sinto que vou gostar.

E eu tinha gostado, um minuto atrás, tinha gostado de ouvir a respeito de Louisa Bell; Yonahlossee parecia um lugar melhor agora que seu nome fora inspirado em um cavalo. Mas lembrar-me de mamãe, e de Sasi, me deixara chateada de novo.

— Sua mãe estava certa de que você gostaria.

Fiquei confusa por um segundo — ela tinha lido minha mente?

— Sou amiga de sua mãe. Uma velha amiga.

Impossível. Minha mãe não tinha nenhuma velha amiga; nós éramos tudo de que ela precisava. Quantas vezes eu a ouvira dizer que ela e papai tinham se deparado com sua utopia particular no interior da Flórida?

— Você tem o cabelo dela — disse a Sra. Holmes, e então percebi que era verdade, que ela tinha conhecido minha mãe.

— Frequentamos a escola de etiqueta juntas — ela continuou —, em Raleigh. Da Srta. Petit.

Meus olhos ficaram embaçados, e pensei por um instante que eu estava tendo uma reação alérgica, como um dos pacientes de papai; alergia a uma picada de abelha, a uma fruta.

Mordi o lábio, e ficou difícil de respirar; então, comecei a chorar.

— Ah, Thea, eu não queria aborrecê-la. Sua mãe não lhe contou que nós nos conhecíamos?

Balancei a cabeça, negando.

— Sim, sei tudo sobre você. Ela confiou você a mim, de certa forma. Outro lugar talvez não fosse adequado.

Depois de um instante, a Sra. Holmes perguntou:

— Estamos entendidas, Thea?

Concordei com um aceno de cabeça.

— Por favor, olhe para mim.

Fiz o que ela pediu. Os olhos da Sra. Holmes eram amendoados. Que eu estivesse encarando os mesmos olhos que minha mãe uma vez encarara parecia impossível.

— E há outra coisa: se você reparar qualquer coisa fora do comum, qualquer coisa... física, por favor, venha me procurar imediatamente.

— Física? — repeti.

— Física. Espero que você saiba o que quero dizer quando acontecer.

Eu disse que entendia, embora não fosse verdade.

Enquanto eu caminhava sozinha em direção às cocheiras, para a avaliação que faria, pensei que talvez ela estivesse se referindo ao meu ciclo menstrual. No entanto, eu já tinha passado por isso e sabia como agir.

Fiquei feliz que nenhuma menina tivesse conseguido ver meus olhos vermelhos; ainda bem que pude caminhar para me recompor. O que eu supunha era que Yonahlossee fosse um local ao qual eu tivesse chegado por acaso, pelas circunstâncias.

O caminho após as latrinas se estreitava e se transformava em uma aleia com largura suficiente para duas pessoas passarem; havia árvores de ambos os lados, bloqueando a maior parte da luz do sol. Estremeci e fiquei aliviada quando emergi subitamente em um amplo círculo de terreno plano, limitado pelas montanhas.

Arquejei, mesmo sem querer; dissera a mim mesma que tentaria não ficar surpresa com o que houvesse de novo em Yonahlossee. Mas eu jamais tinha visto nada parecido; eu nem sabia que algo assim existia. Havia três galpões de pedra, formando uma fila, e tinham uma estrutura sólida, em comparação com a cocheira da minha casa, como se abrigassem um exército de cavalos. A cocheira da minha casa nem podia ser considerada uma verdadeira cocheira se comparada às daqui — agora eu percebia isso. Os cavalos estavam com as cabeças para fora das janelas das baias, e vi um apalusa com a cabeça pintada, uma raça sobre a qual eu só tinha lido, nunca tinha visto.

Muitos cavaliços se movimentavam por toda parte, empurrando carrinhos de mão ou puxando cavalos. Um homem me flagrou olhando e me virei, ruborizada; ele parecia uma versão masculina de Docey, magro e nervoso, eficiente.

Havia cinco picadeiros de equitação, dois para saltos. Tudo parecia novo e perfeito, os picadeiros recém-revolvidos, as cercas recém-pintadas. Fiquei pensando de onde Yonahlossee conseguia toda a sua verba. As poucas cidades que tínhamos atravessado no caminho pareciam muito pobres — os prédios caindo aos pedaços, as pessoas sujas —, mas eu sabia que estávamos passando por Appalachia, que afinal era pobre mesmo, independente da crise financeira. Papai mencionou uma estiagem terrível. Outra referência a coisas desagradáveis e pouco características, mas eu aprendia rapidamente que minha vida estava se transformando em uma série de surpresas.

— Inesperado, não é? — uma voz perguntou, e dei meia-volta para encontrar um homem de pé à minha esquerda. A seu lado, havia um cavalo já selado e com as rédeas.

— O senhor me assustou — falei, a mão espalmada sobre o coração. Eu esperava que meus olhos vermelhos não me denunciassem.

O homem riu. Ele tinha sotaque alemão; eu havia conhecido um alemão antes, o Sr. Buch, que visitava meu pai todo ano para tratar das laranjas.

— O senhor é alemão?

— Sim. Sou o Sr. Albrecht.

— Meu nome é Thea Atwell, prazer em conhecê-lo.

Fiz uma pequena mesura, para compensar minha rudeza. Reconheci o Sr. Albrecht pelas fotos penduradas na parede. Ele era o homem que entregava os prêmios. Era extremamente magro, com um queixo achatado, o que me surpreendeu. Pensei que os alemães tivessem queixos quadrados. Mas a pele dele era macia, para um homem, e os dentes, alinhados. Ele era, se não bonito, pelo menos passável. Parecia ter a idade do meu pai.

— E este — disse ele — é Luther. — Ele afagou o pescoço de Luther, que baixou a cabeça e me observou.

Luther era um cavalo rústico, de um castanho comum e com uma cabeça grande demais e orelhas pequenas. Mas tinha olhos dóceis.

— Ele é o primeiro cavalo que todo mundo aqui monta. Seu pai comentou que você é uma amazona experiente.

— Sou, sim.

— Provavelmente não terá qualquer problema com Luther. Dê uns tapinhas nele nos saltos, mantenha firmeza nos duplos. Ele vai saltar qualquer obstáculo, mas às vezes refuga se você for tímida.

O Sr. Albrecht me ajudou a montar, e acomodei-me na sela enquanto ele ajustava os estribos. Meu coração estava acelerado, em uma mescla do choque que eu tinha experimentado com a Sra. Holmes e da ansiedade de montar na frente de um estranho. Luther era enorme, cerca de dezesseis palmos de comprimento, talvez dezessete, o maior cavalo que eu já tinha montado. Isso não importa, dizia para mim mesma. Controle é controle. O Sr. Albrecht traçou o caminho, e eu o segui até o último picadeiro. Ele me deu dez minutos para aquecer, e trotei em volta do picadeiro, testando Luther. Puxei a rédea esquerda e ele puxou para trás; dei um tranco violento. O Sr. Albrecht permaneceu perto do portão, observando. Sua aparência era ao mesmo tempo formal e relaxada; ele estava de pé com as mãos nos bolsos, a cabeça inclinada, a camisa branca impecável, culotes caprichosamente passados e pregueados.

Tentei ignorar a figura do Sr. Albrecht me observando cavalgar. Quando ele me disse que estava na hora, interrompi o trote de Luther e o fiz passar para o meio galope; queria os reflexos dele aguçados. Outro homem havia se juntado ao Sr. Albrecht perto do portão; estreitei os olhos: Sr. Holmes. Ele acenou e inclinei a cabeça. Eu não usava capacete, ninguém usava naquele tempo e, embora algumas pessoas usassem luvas, elas deixavam minhas mãos sem sensibilidade. Os obstáculos que eu devia saltar tinham cerca de um metro de altura; não tínhamos medo de nada. Não sabíamos que havia algo a se temer.

Concluí a pista um tanto embotada. Nunca conseguia me lembrar de minhas pistas depois de terminá-las, alguém tinha que me dizer se eu havia deixado cair um obstáculo ou se fizera uma curva errada. Após saltar o último obstáculo, trotei com Luther em torno do perímetro do picadeiro esperando aliviar a tensão em ambos os corpos. Aproximei-me do local onde estava o Sr. Albrecht; o Sr. Holmes tinha ido embora.

O Sr. Albrecht fez um sinal afirmativo com a cabeça e deu uns tapinhas no pescoço de Luther.

— Deixe que ele esfrie. Você foi bem.

Eu ainda podia ver o Sr. Holmes; ele não tinha alcançado o caminho no qual seria engolido pela mata. Fiquei imaginando quanto tempo levaria para que Sam ficasse tão alto quanto o Sr. Holmes. Ele ainda era uma criança, ou em parte criança, em parte adulto, como eu.

Segurei as rédeas pela fivela nas pontas e deixei Luther baixar a cabeça. Andamos sem rumo em torno do picadeiro. O fato de Yonahlossee não ser um local escolhido ao acaso me perturbava, mas também confirmava que o plano de meus pais estava além de minha compreensão. Mamãe tinha escolhido um lugar quase como um paraíso no que dizia respeito a cavalos; pelo menos havia isso. O fato de que minha mãe pudesse ter sido amiga de uma pessoa como a Sra. Holmes era quase inacreditável; mas eu tinha que acreditar. Minha mãe fora cruel comigo nas últimas semanas de uma maneira que eu sabia merecer, mas mesmo assim era difícil de suportar. Meus pais não haviam me mandado para os braços de estranhos; em vez disso, eles tinham me enviado para os braços de uma mulher que conhecia pelo menos uma parte de meu terrível segredo. Mas o que minha mãe teria contado para ela? Certamente não tudo.

O Sr. Albrecht tinha desaparecido na cocheira. Parei Luther e desmontei; depois fiz uma coisa infantil. Chorei sobre o ombro quente do cavalo, salgado de suor, e, pela primeira vez em semanas, me senti reconfortada.